

Jazz com pé na África

O sax do brasileiro Ivo Perelman é sucesso nos Estados Unidos

UTÁRIK DE SOUZA

M antidoto contra os Kenny Gs, Nagees e Grover Washingtons do sax-appeal publicitário. Ivo Perelman sopra um free-sax de alma roufenha, incapaz de acompanhar picanhas fatiadas ou brocas *al dente*. Seu segundo disco, *Children of Ibeiji* (Enja), editado por enquanto apenas nos Estados Unidos (a Eldorado, que lançou aqui o primeiro, *Ivo*, em 1990, também está interessada neste segundo), arrepiá na ponte África-Brasil. Recebeu quatro estrelas e meia (o máximo é cinco) da revista *Down Beat*, com o único reparo de que o sax-tenor brasileiro — fora do país há 12 anos — destila excessiva influência do vanguardista de Cleveland, Ohio, Albert Ayler (1936-1970). Para os brasileiros, a maior referência será o argentino Gato Barbieri, o da trilha desesperada do filme *O último tango em Paris*, o mesmo que levou a mensagem do samba *Antonico*, de Ismael Silva, para o jazz *on the rocks*. Gravado após uma temporada na Bahia, *Children of Ibeiji* insere-se na trilha de *brazillianice* musical dos últimos discos de Sérgio Mendes e do Trio Esperança — uma releitura do país com as tintas do exílio voluntário.

No candomblé, Ibeiji é a divindade das crianças gêmeas. Perelman, 31 anos, um paulista filho de polonês e russa, dedica o disco aos menores abandonados, promove na contracapa uma campanha da Unicef e insere uma voz infantil na lírica *Cantar*, de Godofredo Guedes. Mas na maior parte do disco, batucado por tambores de candomblé e percussão pontilhistas, a voz é de Flora



O paulista Perelman lança, por enquanto só nos EUA, *Children of Ibeiji*

Purim. Ela desempenha pequenos refrões, como os das faixas *Mina do Santiê* e *Little rocks for Aruanda*.

É a senha para o desembarque dos uivos (do sax) de Ivo, que tanto explora escalas quanto acaricia a *melô* numa pegada triste, comum ao jazz de seu ídolo John Coltrane ou ao choro banzeiro de Pixinguinha. Se, na estréia, *Ivo* botou de ponta-cabeça cantigas de roda infantis, desta vez ele esquadrinha o sincretismo dos couros nativos, assessorada

do pelo piano de Don Pullen, o baixo de Fred Hopkins e a bateria de André Cyrille. Não fica só nos cantos recolhidos na Bahia (de Oxum, Oxalá, Ibeiji e Logum). Mistura-lhes um Jobim transfigurado (*O morro*) e uma Suzanne Vega (*Tom's diner*), em abaladora repaginação nordestina. Está na hora de Carlos Lyra reescrever sua *Influência do jazz*, olhando do ponto de vista dos colonizados ao norte do Equador.